

ENTRE A CASA E A RUA

Um ensaio sobre olhares e práticas juvenis num bairro de periferia do Recife*

Mónica Franch**

Colaboradora: Kate Gough***

Nos últimos anos, a temática da juventude vem gerando um interesse crescente na área das ciências sociais. Sem negar a diversidade de olhares que estão sendo lançados sobre essa temática, as atenções parecem estar voltadas para um grupo social outrora pouco percebido: o dos jovens de periferia, das favelas, dos bairros populares, morros ou comunidades de baixa renda das metrópoles brasileiras. Quer na sua versão "violenta", quer na sua face artística ou criativa, a juventude pobre parece ter quebrado por uns tempos a barreira do silêncio e se esforça por refazer a imagem distorcida que a mídia faz dela. E nesse esforço têm contado cada vez mais com o apoio entusiasmado de cientistas sociais pelo Brasil afora, que vêm trazendo a lume formas culturais de expressão juvenil como o *funk*, o *punk* e o movimento *hip hop*.

Este trabalho também tem por universo os jovens de periferia. Mas a escolha, neste caso, não foi norteada pelo pertencimento de jovens a grupos que promovem identidades coletivas pela via da expressão artística ou cultural. A única característica que põe em relação os diversos protagonistas deste ensaio é o fato de morarem numa mesma localidade – a favela do Vietnã, no bairro de San Martin, Recife. E é justamente sobre a relação entre os jovens e o seu local de moradia que este texto irá discorrer.

A comunidade faz sentido?

À primeira vista, estudar a vida de um bairro parece ir na contramão de algumas das tendências mais marcantes da contemporaneidade. Com efeito, a globalização, ao colocar objetos, culturas e pessoas em circulação acelerada, estabelece um mundo de fronteiras fluídas, identidades híbridas, culturas itinerantes, não-lugares e espaços virtuais que pouco parece ter a ver com as dimensões reduzidas do bairro. Mas será que a vivência no bairro deixou de fazer sentido para as pessoas – e, principalmente, para os jovens?

Em recente artigo analisando a literatura em língua inglesa sobre a temática urbana, Ray Forrest e Ade Kearns (2001) chamam a atenção para o ressurgimento do bairro como um importante cenário para os processos que moldam a identidade social e as oportunidades de vida dos seus moradores. Segundo os autores, as mudanças nas interações sociais desencadeadas pela chamada "era da informação" (segundo conhecida expressão do sociólogo Manuel Castells) têm sido supervalorizadas por cientistas sociais. Tais mudanças, que incluem o desenvolvimento sem precedentes da tecnologia informacional, a virtualidade nas redes sociais e uma maior fluidez e superficialidade nos contatos sociais, estariam minando as relações baseadas na proximidade espacial e no parentesco, restando portanto importância à vivência no bairro. Contra essa interpretação, os autores

alertam para o fato de que são basicamente as elites intelectualizadas as que têm alterado seu cotidiano em função dessas mudanças, enquanto a maioria das pessoas continua vivendo estreitamente ligada às dimensões do bairro e da família.

No Brasil, apesar das fortes críticas que os "estudos de comunidade" receberam, muitos autores reivindicam a importância do bairro na vivência das classes populares das grandes metrópoles. A antropóloga Cláudia Fonseca figura entre eles:

...cabe lembrar que os bairros populares da América Latina – mesmo nas maiores cidades – parecem em geral mais com *Bethnal Green* do que com os "não-lugares" em voga na antropologia "desterritorializada" do "Primeiro Mundo" (...). É possível que, na França ou nos Estados Unidos, o ideal urbanista da comunidade territorial não passe de uma "celebração do gueto" (...). No Brasil, contudo, a importância do lugar de residência para a organização social é inegável. Gerações de pesquisa mostram como, aqui, as redes de vizinhança e de parentesco mantêm-se relevantes apesar da mobilidade geográfica. (2000:11).

A peculiar conformação das periferias foi conceituada de maneira muito feliz pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (1998), por ocasião do seu estudo sobre o circo e outras formas de lazer e cultura popular em São Paulo. O autor reivindica a categoria nativa de "pedaço" para designar um componente de ordem espacial ao qual corresponde uma rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança e procedência. O "pedaço" é, desta forma, um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma rede de solidariedade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. O lugar ocupado pela comunidade é descrito por Magnani nestes termos:

Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outra situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições" (p.117).

Mais recentemente, Marcos Alvito (1998) descreve a favela do Acari a partir dos conceitos de instituições supralocais e localidade, cunhados por Anthony Leeds. Rejeitando o uso do termo comunidade pelas manipulações a que se presta, o autor mostra a importância das instituições supralocais no cotidiano dos moradores da favela, a partir dos exemplos do tráfico de drogas e da "ocupação" policial que aconteceu em 1996. Mas o cotidiano do lugar não se encerra nessa dimensão macro. Alvito descobre que existem, em Acari, quatro localidades bem menores do que a favela, onde os laços identitários e de solidariedade são especialmente estreitos. É nessas localidades onde as pessoas preferencialmente estabelecem casamentos, brincam, se ajudam, bem como constroem um passado comum, uma memória coletiva.

Neste ensaio, estaremos tentando operacionalizar a categoria de "pedaço", bem como as contribuições de outros autores, para melhor compreender a relação dos jovens da favela do Vietnã com seu meio. Apesar das críticas existentes, utilizarei indistintamente os termos favela e comunidade por serem os de uso mais

corriqueiro na área (embora o de favela esteja em franco retrocesso). Ao final do trabalho, terei ocasião de refletir melhor sobre o que esses termos informam.

Os dados e reflexões que estarei apresentando foram obtidos por trabalho de campo antropológico junto a alguns grupos de jovens da referida localidade em vários períodos que vão do ano de 1999 até o presente, no marco de duas pesquisas de caráter diferenciado: o estudo que resultaria na minha dissertação de Mestrado (Franch, 2000) sobre tempo livre, e o projeto *Os Jovens e a Cidade*, desenvolvido pelo PPGA-UFPE em parceria com a Universidade de Copenhague.

O Vietnã é aqui – Retrato em preto e branco

O Vietnã pertence administrativamente ao bairro dos Torrões (RPA 4), Recife. Do ponto de vista geográfico e relacional, porém, a área se encontra inserida no bairro de San Martin (zona oeste do Recife), com o qual os moradores se sentem mais identificados. As terras onde hoje se ergue a comunidade foram invadidas no final da década de 60, época em que as notícias da Guerra do Vietnã enchiam os noticiários das televisões do país, emprestando seu nome a mais uma favela que nascia na capital pernambucana. Para muitos moradores, a homenagem ao que acontecia nos confins da Ásia reflete o caráter violento dos primeiros anos na história da comunidade – os confrontos com a polícia para a ocupação do lugar e a insegurança derivada do tráfico de drogas na área.

Segundo dados do Prometropole (1999), moram no Vietnã aproximadamente 2.300 pessoas, a maioria das quais tem a posse das terras que habitam, após ação de usucapião iniciada em 1987. Famílias que invadiram terrenos baldios num passado mais próximo ainda não conseguiram regularizar sua situação. Pelo que foi possível perceber, a população que mora no Vietnã provém basicamente de comunidades próximas, não havendo muitos casos de migração rural. A busca de uma casa própria motivou a chegada de boa parte dos pais dos hoje adolescentes e jovens da comunidade, muitos dos quais deram seus primeiros passos pelas ruelas do Vietnã. Há, entretanto, uma população mais flutuante que vive de aluguel, pagando em média R\$150,00 ao mês. <

A malha urbana do Vietnã é constituída por algumas ruas largas e uma infinidade de travessas e becos. O terreno é plano e, embora haja um número considerável de barracos de madeira, a maioria das casas é de tijolo, dominando as construções de apenas um andar. Recentemente, algumas ruas da comunidade foram asfaltadas mas a maioria continua sem calçamento e não há saneamento básico na área. O Vietnã consta de vários serviços na área de saúde, educação, comércio e religião. Quanto aos espaços de lazer, é comum escutar reclamações da falta de equipamentos destinados à recreação de jovens e crianças. Faz alguns meses foi inaugurado um campo de futebol onde acontece boa parte dos jogos que outrora se desenvolviam espontaneamente pelas ruas. Atividades formais destinadas ao público infantil e jovem resumem-se hoje aos diversos grupos de igreja e aos cursos oferecidos por um centro profissionalizante. Há alguns barzinhos, sinucas e playtimes. Uma vez por mês, acontece, numa das margens da comunidade, uma feira de animais que atrai bastante gente de outros bairros. Além disso, a população utiliza as campinas, ruas e casas como improvisados campos de futebol, locais de passeio, salões para festas e “points” de encontro.

Os nomes oficiais das ruas são pouco utilizados. O espaço se confunde com a ordem social, de modo que pode ser difícil orientar-se sem conhecer certos aspectos da rede de relações do Vietnã. Frequentemente, as pessoas fazem

referência a algumas construções ou locais característicos que, por vezes, levam inscritos fragmentos da história local: a “rua do Posto das Irmãs”, a “rua do Arame”, a rua da Assembléia, etc. Além desses pontos, os moradores referem-se aos lugares a partir de uma divisão entre “o lado de cá” e o “lado de lá”, termos obviamente relativos e que descrevem a proximidade às duas avenidas que demarcam o local (21 de abril e Abdias de Carvalho). Tal afastamento é mais explícito entre os que moram na 21 de abril, que raramente se referem ao Vietnã como seu bairro. Duas invasões recentes são conhecidas como “a favela”. Essas fragmentações, correspondendo de alguma maneira às “localidades” descritas por Alvito (1998), influenciam bastante as lógicas de sociabilidade juvenis.

O Vietnã, como tantas outras comunidades, não é constituído por uma massa homogênea de trabalhadores ou desempregados. Embora sendo classificada como área muito pobre (Prometropole, 1999), diferenças econômicas são claramente perceptíveis, gozando alguns moradores de um padrão de vida relativamente elevado enquanto outros beiram a miséria. Uns e outros partilham não apenas o espaço físico mas principalmente o universo relacional do “pedaço”. A questão que se levanta neste ponto é a seguinte: será que os jovens detêm alguma visão particular sobre o “pedaço”?

Perguntados sobre o que achavam da sua comunidade, 45 jovens traçaram um retrato complexo do lugar, no qual, como pode se observar na tabela abaixo, qualidades e aspectos negativos se equilibram.

TABELA 1 – Descreva sua comunidade

Qualidades	Nº Ref.	Aspectos Negativos	Nº Ref.
É bom para morar	12	É ruim	1
É um lugar calmo	11	É um lugar violento	13
Tem bons serviços	5	Faltam serviços	17
Animado, gosta das pessoas	8	Não gosta das pessoas	2
-	-	É um lugar discriminado	2
Total	36	-	36

Nas próximas páginas, iremos discorrer com mais vagar sobre algumas das percepções e práticas da experiência juvenil no bairro: a compreensão do bairro como um lugar “bom pra morar” e “animado” em função de “gostar das pessoas”; as “fofocas” e “baixarias” que levam a “não gostar das pessoas” (ou de algumas pessoas); e a dialética entre “segurança” e “violência”.

Lugar agitado X lugar morgado

Quando comecei a frequentar a comunidade do Vietnã, em 1999, constantemente me deparava com o mesmo paradoxo. Para chegar na casa de uma jovem, que chamaremos Marita, atravessava uma campina com crianças (e não tão crianças) jogando pipa, passava depois por um grupo de meninas jogando queimado, correndo perigo de levar uma bolada ou um banho de esgoto (quando não um xingamento), escutava o som de dezenas de aparelhos ligados ao mesmo tempo em emissoras diferentes de rádio, quase era atropelada por um garoto de bicicleta, me cumprimentavam, me convidavam a tomar cerveja, me interpelavam... Quando por fim conseguia chegar até a casa de Marita, já eram tantas as coisas que tinham me acontecido que levava um tremendo susto quando ela, com cara de quem está

morrendo de tédio, exclamava: "Aqui não tem nada pra fazer!" Mas minha surpresa não acabava por aí. Marita tomava banho, penteava os cabelos, vestia uma calça jeans sempre extraordinariamente colada e surpreendentemente nova, seu *top* preto e saía à rua. "Vai pra onde, Marita?", eu perguntava, ingênua. "Pra canto nenhum, nesta favela..."

Com o tempo, o paradoxo de Marita iria desvendando sua face. Primeiro descobriria que "não fazer nada" é, como Corrigan (1996) já tinha observado entre jovens ingleses de bairros operários, um dos privilégios de ser jovem no Vietnã: "*Jovem fica nas esquinas conversando, sai com os amigos, já adulto tem aquelas normas, fica mais em casa, tem responsabilidade, fica com a família, e o jovem tanto faz como tanto fez*" (trecho de grupo de discussão com rapazes evangélicos). Depois perceberia que o "nada" juvenil era fundamentalmente espaço privilegiado para o exercício de uma sociabilidade do próximo, do encontro cotidiano com os amigos, os colegas, as paqueras. É no nada onde se trocam elementos básicos da amizade: confidências, risadas, gracejos, palavras, carinhos. Então, era verdade que no Vietnã não há nada para fazer. Só que, quando não há nada para fazer, a melhor coisa é ficar com outras pessoas por perto e aí sim, é possível fazer do tédio um acontecimento. O que torna o Vietnã um lugar "bom pra morar", um lugar "animado", à diferença de outros locais que seriam "morgados", não é, portanto, uma condição física, um conjunto de equipamentos para o lazer ou a educação. São as pessoas, melhor dizendo, a relação entre as pessoas:

...aqui não tem muito canto pra sair, sabe, aqui, a pessoa tem que procurar divertimento fora. Mas eu gosto das pessoas daqui, a gente conversa, o que a gente pode fazer, a gente faz, se a gente pode fazer uma festinha a gente faz, esse negócio assim, eu gosto (Helena, 15 anos).

Quando perguntados sobre a procedência de seus amigos, a maioria dos 45 jovens entrevistados referiu, preferencialmente, a própria comunidade (Vietnã), o bairro no qual esta se insere (San Martin) ou bem áreas muito próximas (ver tabela 2). De fato, boa parte dos grupos de jovens que podemos encontrar num final de tarde qualquer, apostados em esquinas "sem fazer nada", "pondo os assuntos em dia", "enchendo a cara", jogando dominó ou mesmo indo à igreja, são compostos por moradores do bairro. A importância do "pedaço" no estabelecimento de relações já foi apontada por Magnani, que relaciona esse padrão com a instabilidade que os pobres vivenciam em outras esferas da sua vida: "*uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem*" (1998:117).

Com efeito, embora os jovens do Vietnã manifestem "fazer amigos" em toda parte, é nas proximidades da área de moradia onde se estabelecem os vínculos mais intensos e duradouros. Amigos e colegas são recrutados, de preferência, desde a infância, entre vizinhos e parentes. É com eles que se estuda nos primeiros anos de ensino formal, nas escolas situadas nas proximidades da comunidade. Com eles que se brinca na rua, que se reza na igreja. Que se aprende o sentido da verdadeira amizade:

Saulo: ...sempre foi assim, criado junto ai se acostumou toda tarde ficar conversando, às vezes bota a mesa lá pra fora e fica jogando dominó, baralho (...)

Mônica: onde que eles moram?

Saulo: Um mora vizinho a mim, um é meu irmão, outro mora lá na pista, outro mora na outra rua, é variado.

Sempre tive as mesmas amigas. A gente brincava, sempre tive. Eu nunca saio daqui. Foi assim, uma acompanhando o crescimento da outra, eu acho que foi. (Helena, 15 anos).

**TABELA 2 – Onde moram seus amigos?
(maior número de referências)**

Número/Referência	Bairro/Comunidade
31	Vietnã
22	San Martin
17	Torrões
11	Mustardinha
10	Roda de Fogo
9	Jardim São Paulo
7	Mangueira
5	Bongi
5	Camaragibe
5	Ibura
5	Várzea

A amizade, como já mostraram alguns autores, é um processo antes do que uma categoria estável (Amit-Talai,1995). Dinâmica construída de pequenas atitudes, da observância de certos rituais, da partilha de visões do mundo, da extensão das ocasiões de encontro e da abertura a graus crescentes de intimidade dos sujeitos envolvidos, ela pode ser alimentada, transformada ou abandonada. Em comunidades como o Vietnã, o fato de “criar-se junto” e de praticar uma sociabilidade face-a-face muito intensa parece ser elemento indispensável na construção do processo de amizade e, paralelamente, na construção do ambiente relacional da comunidade. Pois podemos imaginar que, com mudanças nas práticas e nos interesses, muitas dessas relações irão perdurar pela vida afora, constituindo um dos tesouros mais preciosos a se zelar: “as amizades”.

A multiplicação de oportunidades para o encontro dos amigos produz uma alta densidade nos relacionamentos amistosos, capaz de oferecer muitas satisfações mas, também, de aumentar as chances para o surgimento de conflitos. Entre as jovens, principalmente, são comuns os relatos, muitas vezes traumáticos, de “decepções” com amigas, sendo os motivos mais comuns a “falsidade”, o “roubo” de namorados e a difamação. Diferenciar os “amigos” dos “colegas” é um dos mecanismos de que os jovens lançam mão para se proteger dessas desilusões:

Existe a diferença de amiga e colega. Amiga é que a gente confia e colega é com a que a gente só conversa. Amiga a gente conta tudo e colega só passa assim por cima e muito mal. São até poucas pessoas, são poucas pessoas que são minha amiga. Mas que eu, eu gosto muito de conviver com essas outras pessoas (Helena, 15 anos).

Colega é aquele que a gente conversa e que, pá!, toma uma cervejinha, brinca, pá. Amigo é aquele que a gente vê que na hora difícil ele chega para dar um ombro amigo, pro cara chegar, chorar, pá, se for o caso de chorar. Aquele cara que está nas horas difíceis e nas horas boas. Colega não, é aquele que fala, brinca, toma uma, vai, bate uma bola, pá! Mas eu tenho grandes amigos aqui. (Antunes, 21 anos).

Embora a distinção entre amigos e colegas possa não emergir numa primeira indagação, ela sempre aparece num segundo momento, marcando duas lógicas próximas porém diversas de sociabilidade entre os jovens do Vietnã. A dimensão dos colegas é aquela mais próxima da recreação e da sociabilidade. Os amigos diferenciam-se dos colegas pela maior intimidade no relacionamento, pela confiança e, sobretudo, pela solidariedade que deles pode-se esperar. Apanhando, mas também recebendo recompensas onde, por vezes, não espera, o jovem consegue identificar no meio do seu amplo círculo relacional aquelas pessoas com as quais pode-se contar.

Mas nem todos são amigos, parentes ou colegas no universo relacional da comunidade. Palco de encontros cotidianos e repetitivos com vizinhos, arena na qual todo comportamento se torna público, o bairro exige certa cautela dos seus habitantes. No seu estudo sobre as práticas culturais de usuários da cidade no bairro, Certau e Mayol (1996) afirmam que a convivência entre vizinhos pressupõe abrir mão de certas pulsões individuais nos contatos sociais, com o fim de obter benefícios simbólicos, tais como respeito, prestígio, ascendência sobre os outros. Lu, uma jovem que tem hoje 21 anos, sabe muito bem quais são as regras do jogo e quais os benefícios que poderá obter se consegue jogar com maestria:

Tem gente que mora num lugar mas quase ninguém gosta daquela pessoa. Por que? Porque passa, não fala, não dá um boa noite, não mostra interesse pelo vizinho, não se interessa, assim, não se preocupa com as dificuldades dessas pessoas, aí se torna uma pessoa que quando precisa, na hora da necessidade, todo mundo nega, todo mundo dá as costas. Você tem que se dar. Isso não é só aqui, em todos os lugares tem que se saber dar com todo mundo.

Atitudes de ocultação de comportamentos tidos como transgressores também são estratégias de que os jovens lançam mão para preservar sua imagem na comunidade e não se verem assim privados da consideração, o respeito e a confiança dos vizinhos. Lauro, por exemplo, teve uma briga muito séria com outro rapaz da comunidade e acha que o único jeito de resolver esse desentendimento é pelas armas. Mas pretende ser cuidadoso: "*a gente não quer trocar bala aqui não, a gente quer trocar bala fora num lugar que ninguém conheça a gente pra não criar fama*".

Nem sempre é possível (nem mesmo desejável!), entretanto, ocultar as transgressões. Aliás, falar da vida dos outros parece ser uma forma muito comum de matar o tempo, constituindo uma das principais críticas que os jovens, e sobretudo as jovens, dirigem à sua comunidade.

Baixarias e fofocas

Tom quer a toda custa tornar real o sonho da mobilidade social. Nascido no Vietnã, seus pais conseguiram mudar-se para a vizinha Vila Arraes graças aos ganhos obtidos com um negócio de ferro-velho que chegou a empregar muitos vizinhos como carroceiros. Mas a convivência com o pai nunca foi boa. Aos 18 anos, Tom resolveu que estava na hora de tomar seu rumo. Com pouco dinheiro ainda, instalou-se com a namorada num barraco alugado no Vietnã. Poucos meses depois,

já deu para alugar uma casa, mas continuou morando na favela. A última vez que nos encontramos, o jovem havia conseguido mudar-se para um primeiro andar na rua Avertano Rocha, que marca o limite do Vietnã com a Vila da Chesf. Da distância social conferida por uma rua, Tom descreveu nesses termos sua localidade de origem:

Aqui praticamente tudo é favela, mas lá é como se fosse o povão, aquele povo baixo, que fica na rua reparando a vida dos outros, barraquinha, cachaceiro... isso em todo canto tem, só que a visão que você tem é como se ali fosse uma poluição visual e aqui você já percebe a diferença, ali talvez é o lado pobre e aqui o lado civilizado (...). Você chega aqui você vê a diferença, o ambiente é outro, normalmente não fica aquela aglomeração de pessoas na rua, a rua sempre é tranqüila, ali a qualquer hora às vezes o som é bem alto tarde da noite. Aqui eu posso abrir a janela lá eu não podia porque quando eu abrisse a janela todo mundo que passava pelo beco olhava para dentro da minha casa, e quando eu estou dentro de casa eu gosto de estar à vontade, como você pode ficar a vontade que todo mundo que passa olha pra dentro? (...) quando a gente pega um táxi, o táxi deixa a gente na porta de casa e lá não, deixava no beco.

Baixaria, fofoca, esculhambação. A alta densidade relacional da comunidade, elevada por muitos a uma qualidade do viver na vizinhança, tem também esse outro lado da moeda: a interferência na vida dos outros, através do som, do olhar e, o pior de tudo, da palavra que difama. E a palavra tem sexo. No dizer de todos, "fofoqueira" somente se aplica às mulheres. Jovens e adultos reclamam com freqüência desse "olho do povo" que aponta as falhas, usualmente exagerando-as, que reduz o espaço da privacidade, bem como provoca inúmeros conflitos entre amigos, colegas, nas famílias e até nos relacionamentos amorosos.

Verdadeira espada de Damocles, a fofoca atua como uma sanção social da qual é difícil livrar-se e cujas motivações nem sempre são entendidas ou podem ser evitadas. Compreende desde o comentário maldoso feito "pelas costas" de alguém que passa pela rua, até a "caboetagem" de ações que se querem privadas, como namoros e saídas clandestinas. As transgressões, reais ou imaginárias mas sempre exageradas e avaliadas, figuram entre os temas preferidos da fofoca, destacando-se entre elas os comportamentos sexuais, especialmente no caso das meninas:

E o que mais se discrimina é a moça, os vizinhos, a comunidade... sei não, antes da pessoa ser uma coisa já é outra, ta entendendo? Antes de ser mulher já está grávida pros vizinhos, os vizinhos fala. (fala de uma jovem em grupo de discussão)

Discorrendo sobre o fenômeno da fofoca em bairros pobres de Porto Alegre, Cláudia Fonseca observa que *"A fofoca é a arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores. Ora, quando mais se desce na hierarquia socioeconômica, mais as pessoas sentem-se vulneráveis"* (2000:49). Não é à toa que a fofoca dirige-se com especial rigor contra as moças mais jovens da comunidade, que representam uma ameaça para as mulheres de mais idade.

O controle da sexualidade feminina, entretanto, não se encerra na ação das "fofoqueiras". Recentemente, tive a oportunidade de acompanhar um verdadeiro "esquema de informações" destinado a cercear todos os passos de uma jovem moradora numa outra comunidade que namorava um rapaz do Vietnã. O jovem, que tinha alguns amigos no bairro da namorada, era informado de toda e qualquer aproximação da menina com o ex-namorado, o que provocava não poucas brigas no casal. Semanas depois do término do namoro, o jovem continuava recebendo "boletins" atualizados sobre a vida afetiva da moça. E que dizer da prática

masculina de "contar vantagens" em relação às garotas que já namoraram? Não é difícil compreender, então, a opinião de algumas jovens sobre o Vietnã:

É horrível. As pessoas são muito fofoqueiras, sobretudo nesta rua. As amizades são tudo falsa. Os vizinhos ligam o som alto. Até mulher casada e com filhos fofoca. Já homem é mais difícil fofocar. Eu tenho uma vizinha que fica até as três horas da manhã olhando a rua. (Lorena, 15 anos)

Além da fofoca, a "inveja" é outra das mazelas do viver comunitário, que diz respeito, sobretudo, àqueles que, por algum motivo, sentem-se diferentes a seus vizinhos. Essa diferença não precisa ser financeira. Frequentemente ela diz respeito a atividades que estão dando certo e que as outras pessoas "boicotariam" para não ver ir enfrente:

Eu não gosto muito de falar com o pessoal [da comunidade] mesmo, que o pessoal aqui tem muita inveja de mim pelo que eu faço, né. A turma fica com muita inveja, com muita coisa negativa assim pra mim, aí não falo porque pra falar assim pela frente: oi, tudo bem. Quando eu virar ficar falando mal de mim, aí não dá. É melhor eu não falar. Aí eu falo com pessoas que me considera mesmo. (Jovem, 21 anos, graffiteiro).

A gente se afastou [de um grupo de igreja] por causa disso, de uma intriga mesmo na comunidade. A turma não gosta de ver as pessoas crescerem, aí passam a rasteira mesmo (...) Quanto mais o povo viu a gente crescer, que estava se expandindo, aí não quiseram. Que o povo aqui mesmo é extremamente atrasado. (Antunes, 17 anos)

Quer seja pelo desejo de subir de posição na escala social, quer pela vontade de se furtar aos controles sobre a sexualidade ou, ainda, por se sentirem incompreendidos ou prejudicados, muitos jovens sentem de forma mais intensa o elemento tensional existente entre o universo relacional da comunidade e a vontade de levar adiante projetos que chocam, transgridem ou ameaçam a ordem da sucessão. Ampliar os círculos relacionais, frequentar espaços anônimos de sociabilidade sempre que possível e, em alguns casos, sair do Vietnã para algum lugar onde o padrão de relações não seja tão intenso, são as alternativas de que tentam lançar mão no seu processo juvenil. Em circunstâncias menos favoráveis, a imagem denegrada pode até passar a fazer parte da auto-imagem de quem é continuamente vítima da fofoca. Isso foi o que aconteceu com Valéria que, segundo me contou, resolveu "se perder" com 14 anos para confirmar as suspeitas de todo mundo.

Paz e guerras do Vietnã

O temor da violência armada também se destaca entre as preocupações dos moradores mais jovens da comunidade. Embora muitos deles considerem o Vietnã um "lugar calmo", há épocas em que a violência faz sua aparição, através de roubos, assaltos, brigas que terminam em mortes, conflitos declarados entre famílias e "grupos de marginais", bem como intervenções da polícia:

Tem tempo que está calmo, tem tempo que está agitado, vem gente de fora errada, os daqui se junta com os errados, sai tiro... Os daqui já faz baderna e ainda vêm mais!

Tem hora que está bonzinho mas tem hora que está agitado – bang-bang

É um bairro calmo, tem escola, o problema é a violência

É um bairro um pouco desorganizado, às vezes violento, mas qual bairro não é violento? (trechos dos questionários)

À primeira vista, a configuração da violência na comunidade pode se apresentar como um caos, uma ameaça iminente de perigo que transforma os moradores em reféns, ou pior, em alvos numa guerra sem regras nem inocentes. Poucas horas de convivência são suficientes para afastar essa idéia. Apesar de estarem à frente de todas as estatísticas por morte violenta, os jovens não vivem num cotidiano sitiado. Parece até que detêm um certo controle da situação, como se fosse possível prever ou, no mínimo, justificar a morte dos outros e ao mesmo tempo não se sentir totalmente em risco. Se a estatística, então, permite dimensionar "quantos" jovens morrem e "como" morrem, esse saber coletivo permite entender algo muito mais importante: por que uns morrem enquanto outros vivem. Como aprendemos com Evans-Pritchard, não basta conhecer as causas pelas quais um celeiro cai mas sim porque ele despenca justamente quando uma determinada pessoa repousava embaixo dele. Entre os Azande, a feitiçaria é o conhecimento significativo no plano das relações sociais. No Vietnã, as diferenças entre o "nós" e os "outros" cumprem esse papel.

Vejam um exemplo. Poucos meses atrás, conversei com uma jovem sobre a morte violenta de um vizinho dela, de 17 anos de idade. Com ar indiferente, que não parecia em nada corresponder à relação jocosa que aparentemente mantinha com o rapaz, ela sentenciou: *"Se ele tivesse andado com a gente isso não teria acontecido. Mas foi se juntar com quem? com gente errada, fazer coisa errada, usar drogas, roubar"*. Classificar jovens que morrem violentamente e/ou que se envolvem com o crime com o apelativo de "gente errada", "que não presta", "marginais", "alma sebosa" é uma estratégia que ajuda a extrair essa morte do terreno do caos e recolocá-la no âmbito da previsibilidade. Ao mesmo tempo, isso permite à jovem se perceber como fazendo parte de um outro grupo social, imune (ou pelo menos não tão exposto) a esse tipo de acontecimento. Nesse sentido, pode-se pensar que existe uma certa fronteira simbólica (Barth, 1969) entre os "jovens errados" e os que não o são, fronteira esta que é acionada em determinados momentos: para explicar uma morte, para aconselhar quem "se afastou do bom caminho", para proibir o namoro da filha com um rapaz de fama duvidosa. Obviamente, trata-se de uma identidade atribuída pelos outros, pelos que não se consideram "errados", que rotulam aqueles com os quais vai ser preciso estabelecer uma outra lógica de sociabilidade.

Ninguém vira "errado" de uma hora para a outra. A partir do momento em que a "fama" de uma determinada pessoa começa a correr pela comunidade, ela passa a viver uma existência por vezes ambígua, característica das situações sociais de margem (Turner, 1974). O jovem continuará sendo o vizinho, o amigo, o filho e, nesse sentido, será abordado e aconselhado a mudar de vida. Porém, paralelamente passará a ser visto como alguém que ocasiona perigo e, nesse sentido, será excluído de boa parte do convívio comunitário, perdendo progressivamente certos benefícios simbólicos como a confiança dos familiares e a possibilidade de namorar qualquer menina. É isso que nos conta Estácio que, no passado, já foi "envolvido" em venda de drogas e outras atividades ilícitas:

Eu perdi a confiança de um tio meu, um tio, um pai, um amigo, eu perdi a confiança dele e hoje em dia, depois que eu sai dessa vida, que entrei na igreja, eles depositaram de novo toda a confiança em mim.

É possível que os jovens classificados como errados busquem novas comunidades de destino junto a jovens de outros bairros, afastando-se da sua área de moradia. Entretanto, há formas de ressignificar a comunidade a partir da participação em "equipes", "divisões" ou quaisquer outra denominação para grupos juvenis que se propõem "defender" o local de agressões externas. De todo modo, a frequência com que esses jovens são mortos em casa ou nas proximidades sugere que a ligação com o bairro é um elo difícil de se cortar.

Começávamos este trabalho questionando a importância do bairro ou comunidade para a vivência juvenil num mundo cada vez mais globalizado e interconectado. Acredito que, neste ponto, é possível, tecer alguns comentários a respeito da existência e do papel da comunidade na vida de moças e rapazes da periferia do Recife. Em primeiro lugar, embora o olhar do pesquisador defina o campo – segundo o axioma de Saussure, "o ponto de vista define o objeto" –, a comunidade tem existência significativa para os jovens em algumas esferas das suas vidas, notadamente em aspectos ligados à sociabilidade. A abrangência do fenômeno da fofoca (que, segundo Fonseca, seria "*instrumental da definição dos limites do grupo – não se faz fofoca sobre estranhos*", 2000:42), os esforços realizados para se obter benefícios simbólicos (silenciar informações que podem macular a imagem) e o estabelecimento de fortes relações de amizade, coleguismo e convivência no local são elementos para tal afirmação.

No entanto, a comunidade não pode ser percebida como um todo harmônico, homogêneo, pautado pela estabilidade, pela solidariedade ou pela intimidade entre seus membros, conforme o conceito clássico de *communitas*. Antes, ela é um espaço polissêmico, fragmentado e ultrapassado por dinâmicas que ora afastam, ora aproximam as pessoas. Nesse sentido, descobrir os "pedaços" (Magnani, 1998), localidades (Alvito, 1998) ou microculturas (Amit-Talai e Wulff, 1994) é uma forma de tornar mais complexo o retrato que fazemos desses lugares. No Vietnã, é possível perceber, por exemplo, que a rua é um elemento relacional muito significativo – "os amigos da minha rua", "a fofoca na minha rua". Entretanto, outras fragmentações não parecem ter uma inscrição territorial tão clara, como a que existe entre as pessoas "erradas" e os homens e mulheres "de bem".

Por fim, as fronteiras do "pedaço" são flexíveis, permeáveis, cotidianamente ultrapassadas, sendo impossível conhecer os jovens sem levar em consideração o meio social mais amplo da cidade do Recife, as culturas nacional e internacional veiculadas pela mídia, pelas instituições oficiais de ensino, pelas igrejas e, em geral, inscritas nos valores com os quais convivem.

Bibliografia

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e contemporaneidade*. ANPED, nº 5-6, maio a dezembro, 1997.

ALVIM, Rosilene. Olhares sobre juventude. *Comunicações ISER, Ano 2, Edição Especial Juventude, Cultura e Cidadania*, 2002.

ALVITO, Marcos. Bicho de sete-cabeças. ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (org.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

- AMIT-TALAI, Vered; WULFF, Helena (ed.). *Youth Cultures: A cross-cultural perspective*. London and New York: Routledge, 1995.
- BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and boundaries: the social organisation of culture differences*. London: George Allen & Unwin, 1969.
- CERTAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FIELDMAN-BIANCO, Bela. Introdução. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- FORREST, Ray, KEARNS, Ade. Social Cohesion, Social Capital and the Neighbourhood. *Urban Studies*, Vol. 38, No. 12, 2125-2143, 2001.
- FRANCH, Mónica. *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2000.
- FRANCH, Mónica. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n.2, jul./dez., 2002.
- CORRIGAN, Paul. Doing nothing. In: HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony (Eds.) *Resistance through Rituals. Youth subcultures in post-war Britain*. 8th impression. London: Routledge, 1996.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- KEARNS, Ade, PARKINSON, Michael. The Significance of Neighbourhood. *Urban Studies*, Vol. 38, No. 12, 2013-2110, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Hucitec: Unesp, 1998.
- NOVAES, Regina. Hip Hop: o que há de novo? In: BUARQUE, Cristina et al. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs*. Recife: GTGênero – Plataforma de Contrapartes da Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002.
- SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: Novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: *Tempo social (Revista de Sociologia da USP)*, volume 5, nº 1-2, pp. 161-178. São Paulo: USP, novembro de 1994.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual. Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VIANA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

VIANA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (org.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

*

Trabalho apresentado na mesa redonda "Juventude Contemporânea, Experiência Urbana e Cultura", coordenada pelas Prfas. Tereza Correia Queiroz (UFPB) e Rosilene Alvim (UFRJ)., no dia 29 de maio de 2003. Agradeço os comentários e questões de todos/as os/as participantes no encontro.

**

Mestre em Antropologia Cultural pelo PPGA-UFPE, pesquisadora do Núcleo Família, Gênero e Sexualidade, do PPGA-UFPE.

Professora do Departamento de Geografia, Universidade de Copenhague.

Para mais informações, ver Abramo (1994 e 1999) e Alvim (2002).

A lista de estudos sobre as chamadas culturas ou estilos juvenis não pára de crescer. A título ilustrativo, referimos os seguintes: Vianna (1988, 1997), Abramo (1994), Diógenes (1998), Sposito (1994), Herschmann (2000), Novaes (2002).

Ver, também, Kearns and Parkinson (2001).

Desenvolvidos a partir dos anos 60, os estudos de comunidade caíram hoje no descrédito. No plano metodológico, questiona-se a transposição acrítica dos métodos da antropologia junto a sociedades de pequeno porte para os espaços urbanos. Ideologicamente, tais estudos pecam pela tendência a homogeneizar os universos comunitários, dando voz a apenas alguns atores (líderes) que são apresentados como representantes de um coletivo que hoje em dia se percebe fragmentado e complexo. Por último, os estudos tendem à generalização a partir de casos específicos. (Fieldman-Bianco, 1987, Durham, 1988, Alvito, 1998).

Em antropologia, as áreas que têm concentrado maior número de trabalhos em bairros populares são a antropologia urbana, as áreas de estudos sobre família e sobre violência.

Dissertação sob orientação da Prof^a Dra. Judith Chambliss Hoffnagel. O projeto "Os Jovens e a Cidade" é coordenado internacionalmente por Karen Tranberg rthwestern University, Chicago). Anne Line Dalsgaard (Instituto de Antropologia, Copenhague) é a coordenadora da equipe estrangeira no Brasil e Russell Parry Scott (PPGA-UFPE) o coordenador nacional. Boa parte das entrevistas utilizada aqui foi realizada com a geógrafa Kate Gough, colaboradora deste artigo. Os questionários que mais adiante mencionarei foram elaborados junto com Anne Line Dalsgaard, a quem não posso deixar de agradecer a constante interlocução e amizade.

Até pouco tempo atrás, também funcionava no local uma Escola de Música, que foi transferida para outro bairro devido a uma desavença entre o responsável pelo empreendimento e uma líder comunitária. Também existiram um grupo de capoeira e quadrilhas juninas. Alguns espaços que hoje abrigam serviços comunitários (posto de saúde e o terminal de ônibus) eram utilizados outrora como salões de festa.

Questionário aberto aplicado no marco da pesquisa Os Jovens e a Cidade.